

**Exame Final Nacional de Português**  
**Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2019**

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

---

## VERSÃO 2

---

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

---

Página em branco

---

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### PARTE A

Leia o poema.

Bem sei que há ilhas lá ao sul de tudo  
Onde há paisagens que não pode haver.  
Tão belas que são como que o veludo  
Do tecido que o mundo pode ser.

5 Bem sei. Vegetações olhando o mar,  
Coral, encostas, tudo o que é a vida  
Tornado amor e luz, o que o sonhar  
Dá à imaginação anoitecida.

Bem sei. Vejo isso tudo. O mesmo vento  
10 Que ali agita os ramos em torpor  
Passa de leve por meu pensamento  
E o pensamento julga que é amor.

Sei, sim, é belo, é longe, é impossível,  
Existe, dorme, tem a cor e o fim,  
15 E, ainda que não haja, é tão visível  
Que é uma parte natural de mim.

Sei tudo, sei, sei tudo. E sei também  
Que não é lá que há isso que lá está.  
Sei qual é a luz que essa paisagem tem  
20 E qual a rota que nos leva lá.

Fernando Pessoa, *Poesia do Eu*, edição de Richard Zenith,  
2.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, pp. 314-315.

1. Nas três primeiras estrofes, o sujeito poético descreve um lugar idealizado.

Apresente duas características desse espaço e exemplifique cada uma delas com uma transcrição pertinente.

2. Explique o conteúdo dos versos 3 e 4 e relacione-o com a temática pessoana em evidência no poema.

3. Explícite dois sentidos das anáforas e das suas variantes (versos 1, 5, 9, 13, 17 e 19), tendo em conta o desenvolvimento temático do poema.

## PARTE B

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais, se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres, o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio<sup>1</sup> tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem connosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos<sup>2</sup>, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. Os Autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que, se não fora natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões<sup>3</sup> o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas piozes<sup>4</sup>; faça-lhes bufonérias<sup>5</sup> o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhes roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem fermoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz<sup>6</sup>, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhes comem a ração da carne que não caçaram nos bosques, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fora dessas cortesantias<sup>7</sup>, vivereis só convosco, sim, mas como peixe na água. De casa e das portas adentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há Filósofos que dizem que não tendes memória.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 73-74.

### NOTAS

<sup>1</sup>*bugio* – espécie de macaco.

<sup>2</sup>*pegos* – locais onde os rios ou os mares são mais profundos.

<sup>3</sup>*pensões* – obrigações; encargos.

<sup>4</sup>*piozes* – correntes colocadas nas patas de algumas aves de caça.

<sup>5</sup>*bufonérias* – graçolas; caretas.

<sup>6</sup>*cerviz* – parte posterior do pescoço.

<sup>7</sup>*cortesantias* – hábitos de cortesãos.

4. «Os Autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião.» (linhas 9 e 10).

Justifique a opinião de Vieira relativamente aos peixes, tendo em conta a comparação entre o comportamento dos peixes e o dos outros animais (linhas 1 a 12).

5. «Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre!» (linhas 12 e 13).

Comprove a pertinência dos exemplos apresentados por Vieira (linhas 14 a 21) para fundamentar este conselho dado aos peixes.

6. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando da tabela a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras e o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Um dos objetivos da oratória é *delectare*, ou seja, agradar ao auditório; para o alcançar, nas linhas 14 a 21, entre outros processos, Vieira socorre-se de uma construção na qual existe uma \_\_\_\_\_ **a)** \_\_\_\_\_, que contribui para uma evidente \_\_\_\_\_ **b)** \_\_\_\_\_ do discurso.

a)	b)
1. estrutura paralelística ou simétrica	1. plausibilidade
2. enumeração de conselhos aos homens	2. complexidade
3. alternância entre frases simples e complexas	3. descontinuidade
4. sucessão de hipérbolos	4. musicalidade

### PARTE C

7. Do diálogo de José Saramago com o «passado» emerge, em romances como *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, uma visão crítica sobre o tempo histórico representado e sobre a sociedade desse tempo.

Escreva uma breve exposição na qual comprove a afirmação anterior, baseando-se na sua experiência de leitura de **um** dos romances mencionados.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita dois aspetos que são objeto de crítica pelo narrador, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Comece por indicar, na folha de respostas, o título da obra por si selecionada.

## GRUPO II

Leia o texto.

Segundo a teoria de Darwin, a imaginação humana é um instrumento de sobrevivência. Para melhor compreender o mundo e, por conseguinte, estar mais preparado para lidar com as suas rasteiras e os seus perigos, o *Homo sapiens* desenvolveu a capacidade de reconstruir a realidade exterior na mente e de conceber situações com que pudesse confrontar-se antes  
5 de realmente se deparar com elas. Conscientes de nós mesmos e do mundo à nossa volta, somos capazes de construir cartografias mentais desses territórios, de os explorar num número infinito de maneiras e, depois, de escolher a melhor e mais eficaz. Imaginamos para existir, e somos curiosos para satisfazer o nosso desejo imaginativo.

A imaginação, enquanto atividade criativa essencial, desenvolve-se com a prática; não por  
10 meio de êxitos, que são conclusões e, portanto, bocos sem saída, mas por meio de fracassos, por meio de tentativas que se mostram erradas e que exigem novas tentativas que, também elas, se os astros forem bondosos, conduzirão a novos fracassos. A história da arte e da literatura, como a da filosofia e da ciência, é a história desses fracassos iluminados. «Falhar. Tentar outra vez. Falhar melhor.», foi o resumo de Beckett.

Contudo, para falhar melhor, temos de ser capazes de reconhecer, imaginativamente, os  
15 erros e as incongruências. Temos de ser capazes de perceber que tal e tal caminho não nos conduzem na direção ambicionada, ou que tal e tal combinação de palavras, cores ou números não se aproxima da visão intuída na nossa mente. Recordamos com orgulho os momentos em que os nossos inspirados Arquimedes gritam «Eureca!» no banho; somos  
20 menos propensos a recordar os muitos mais momentos em que eles, como o pintor Frenhofer da história de Balzac, olham para a sua obra-prima desconhecida e dizem: «Nada, nada!... Não terei produzido nada!». Através desses poucos momentos de triunfo e desses muitos mais momentos de derrota, perpassa a grande pergunta da imaginação: «Porquê?».

«Porquê?» (nas suas muitas variações) é uma pergunta assaz mais importante na sua  
25 formulação do que na expectativa de uma resposta. O próprio facto de a colocarmos abre inúmeras possibilidades, pode acabar com preconceitos, resumir infindáveis dúvidas profícuas. Pode desencadear respostas hesitantes, mas, se a pergunta for suficientemente poderosa, nenhuma dessas respostas se revelará suficiente. «Porquê?», como as crianças intuem, é uma pergunta que situa, sempre e implicitamente, o nosso objetivo para além do horizonte.

Alberto Manguel, *Uma História da Curiosidade*, Lisboa, Tinta-da-China, 2015, pp. 11-12. (Texto adaptado)

1. De acordo com o primeiro parágrafo do texto, a imaginação

- (A) permite ao homem a construção de um mundo alternativo, no qual se refugia.
- (B) cria inúmeros constrangimentos à constante evolução do ser humano.
- (C) dota o homem da capacidade de antecipar dificuldades e de tomar decisões.
- (D) inibe a capacidade de construir conhecimento sobre o mundo que nos rodeia.

2. Do ponto de vista do autor, é essencial à atividade criativa
- (A) a perseverança face ao fracasso.
  - (B) a fuga a situações geradoras de fracasso.
  - (C) a confiança relativamente aos êxitos alcançados.
  - (D) a obtenção cíclica de novos êxitos.
3. A pergunta «Porquê?» (linhas 23, 24 e 28) é fundamental, na medida em que
- (A) valoriza o sucesso dos resultados alcançados.
  - (B) alimenta um desejo insaciável de conhecimento.
  - (C) relativiza a curiosidade que nos fica da infância.
  - (D) conduz geralmente às respostas desejadas.
4. Ao recorrer às expressões «cartografias mentais» (linha 6) e «para além do horizonte» (linha 29), o autor utiliza
- (A) a hipérbole para enfatizar a força da imaginação enquanto geradora de frustração, no primeiro caso, e a metáfora para evidenciar o poder da imaginação enquanto meio de sobrevivência, no segundo caso.
  - (B) a hipérbole para evidenciar o poder da imaginação enquanto meio de sobrevivência, no primeiro caso, e enquanto motor da evolução, no segundo caso.
  - (C) a metáfora para evidenciar o poder da imaginação enquanto meio de sobrevivência, no primeiro caso, e a hipérbole para enfatizar a força da imaginação enquanto geradora de frustração, no segundo caso.
  - (D) a metáfora para evidenciar o poder da imaginação enquanto meio de sobrevivência, no primeiro caso, e enquanto motor da evolução, no segundo caso.
5. As orações subordinadas iniciadas por «que» nas linhas 10 e 16 classificam-se como
- (A) substantiva completiva, no primeiro caso, e adjetiva relativa restritiva, no segundo caso.
  - (B) adjetiva relativa explicativa, no primeiro caso, e substantiva completiva, no segundo caso.
  - (C) substantiva completiva, no primeiro caso, e adjetiva relativa explicativa, no segundo caso.
  - (D) adjetiva relativa restritiva, no primeiro caso, e substantiva completiva, no segundo caso.
6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «de palavras, cores ou números» (linhas 17 e 18);
  - b) «os momentos em que os nossos inspirados Arquimedes gritam “Eureca!” no banho» (linhas 18 e 19).
7. Indique a modalidade e o valor modal expressos em «temos de ser capazes de reconhecer, imaginativamente, os erros e as incongruências» (linhas 15 e 16).

## GRUPO III

Se algumas pessoas consideram que o acesso rápido e livre à informação é uma mais-valia na sociedade atual, outras defendem que esta facilidade pode ter um impacto negativo, tanto em termos pessoais como sociais.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a problemática apresentada.

No seu texto:

- explicite, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2019/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

## FIM

## COTAÇÕES

Grupo	Item							Cotação (em pontos)
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	16	16	16	8	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
TOTAL								200